

As obras reeditadas de Maria Thetis Nunes

Terezinha Alves de Oliva*

Resumo

A reedição de cinco livros de Maria Thetis Nunes pela Editora da SEDUC coincide com o centenário do seu nascimento e evidencia a sua importância para a historiografia sergipana. Abordando o pioneirismo da autora, este artigo trata de cada uma das obras reeditadas, mostrando a contribuição que ela deu à História de Sergipe.

Palavras-chave: História de Sergipe, Maria Thetis Nunes, historiografia.

109


* Historiadora, Professora Emérita da Universidade Federal de Sergipe, oradora do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, prefaciou a obra de Thetis Nunes publicada pela Editora SEDUC.

The reissued works of Maria Thetis Nunes

Las obras reeditadas de Maria Thetis Nunes

Abstract

The reissue of five books by Maria Thetis Nunes by Editora SEDUC coincides with the centenary of her birth and highlights her significance to Sergipe's historiography. Addressing the author's pioneering spirit, this article discusses each of the reissued works, showcasing the contributions she made to the History of Sergipe.

Key words: History of Sergipe, Maria Thetis Nunes, historiography.

Resumen

La reedición de cinco libros de Maria Thetis Nunes por parte de la Editora SEDUC coincide con el centenario de su nacimiento y destaca su importancia para la historiografía de Sergipe. Abordando el espíritu pionero de la autora, este artículo analiza cada una de las obras reeditadas, mostrando las contribuciones que hizo a la Historia de Sergipe.

Palabras clave: Historia de Sergipe, Maria Thetis Nunes, historiografía.



Neste ano do centenário, cresceu a figura de Thetis Nunes. Entidades públicas e instituições de cultura se desdobram em homenagem-lá, criando títulos, prêmios e medalhas com seu nome; artigos diversos destacam a sua importância; em seminários, variados aspectos da sua obra são analisados e discutidos e seu lugar no cenário da historiografia sergipana é realçado. Próximo à data do centenário, a reedição de boa parte da obra da historiadora, pela editora da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe - SEDUC, tornou possível o acesso a livros já esgotados. Cinco títulos foram relançados, trazendo-a de volta ao “mercado historiográfico”. É o que pretende abordar este artigo.

A Editora SEDUC lançou, em 29 de dezembro de 2022, 23 obras que compõem a Coleção Bicentenário. Foi seu propósito aproveitar as celebrações nacionais pelo bicentenário da Independência e o ainda recente bicentenário da Emancipação Política de Sergipe, ocorrido em 2020, para publicar “obras que revelam o estado de Sergipe e contribuem sobremaneira para entender como chegamos aqui” (Passos Subrinho, 2022). Dentre elas, os cinco livros da professora Maria Thetis Nunes oferecem uma visão de conjunto da nossa História, cobrindo do período colonial ao republicano. Assim apareceram novas edições de Sergipe Colonial I e II, Sergipe Provincial I e II e a terceira edição da História da Educação em Sergipe, que contempla, inclusive, parte do período republicano. Ainda mais, os cinco livros da historiadora se tornaram acessíveis também nas versões digitais, ampliando as possibilidades de conhecimento da obra que pretende apresentar uma síntese da História de Sergipe.

Com muita honra, aceitei o convite da editora para prefaciar as reedições, num texto de conjunto, que seria repetido em cada um dos livros publicados. Essa oportunidade fez-me revisitar as lembranças sobre quem fora minha professora e colega no Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E aqui vai um pouco de memória: conheci a professora Thetis quando eu ainda era menina e a casa dos meus pais ficava em frente à do seu irmão, o promotor de justiça Fernando Barreto Nunes, que ela frequentava amiúde. Eu a via sempre, admirada com aquela mulher diferente, que havia morado na Argentina e que continuava viajando



com frequência, trazendo para os sobrinhos, presentes de países distantes. Na minha adolescência, como estudante do Atheneu, eu a via de longe, como professora ativa e respeitada, na famosa Sala de Geografia, toda equipada, onde eu recebia aulas da professora Maria da Glória Monteiro. Somente no Curso de História da UFS eu seria, finalmente, sua aluna, nas disciplinas História do Brasil, História da Cultura Brasileira e História Contemporânea.

Na sala de aula, ela revelava o seu estilo muito profissional, que não facilitava aproximações, mas era cortês e até afável se isso acontecia com alunas e alunos mais comunicativos. Era a professora que, explorando com predileção a Revolução Francesa, pontuava as aulas de História Contemporânea com informações sobre lugares históricos por ela conhecidos, sem se demorar em digressões ou, nas aulas de História do Brasil, introduzia o conhecimento sobre documentos da nossa história. Mais tarde, como colega de Departamento, pude participar dos célebres aniversários, com recepções no seu apartamento, a cada dia 6 de janeiro, em que, por anos a fio, ela servia o seu whisky favorito e se deixava fotografar com todos os convidados. Sua presença era infalível nas reuniões sociais do grupo de colegas, nos eventos culturais ou acadêmicos da cidade e até mesmo num surpreendente “forró das mulé retada”, que um grupo de amigos da UFS comemorava anualmente.

O convite da Editora me trouxe à memória um Congresso por ocasião do bicentenário da Revolução Francesa, no Rio de Janeiro, em 1989, quando eu acompanhei a professora Thetis ao teatro e a outras programações, terminadas as sessões do Congresso, admirada ante a sua familiaridade com a cidade e a desenvoltura que ela revelava em todos os lugares. Por isso, ao retomar os livros para nova leitura, não pude deixar de me demorar nos autógrafos que ela escreveu para mim, sempre lembrando que eu fui sua aluna e estimulando a minha carreira de historiadora. Segui o seu percurso, na História da Educação, de 1984, no Sergipe Colonial I, de 1989, no Sergipe Colonial II, de 1996, no Sergipe Provincial I, de 2001 e no Sergipe Provincial II, de 2006.

Nas edições atuais a Editora SEDUC deixou as capas sisudas das edições anteriores, assumindo um colorido vivo e reinterpret-



tando as figuras. O histórico mapa da Capitania de Sergipe Del Rey, de George Markgraf, ano 1665, que aparece todo em cinza e em tom mostarda, respectivamente nas capas do Sergipe Colonial I e II, reaparece mais amplo, nas capas azul e roxo das novas edições. Já no Sergipe Provincial I e II as figuras dos palácios do governo em São Cristóvão (Sergipe Colonial I) e em Aracaju (Sergipe Colonial II) também são retrabalhadas, vindo nas novas edições em tom sobre tom, em vermelho, no primeiro e em laranja, no segundo. A capa da História da Educação reinterpretou os livros enfileirados margeando um mapa de Sergipe, da segunda edição e ganhou um desenho de livros amontoados, coloridos em amarelo, vermelho, verde e azul, encimados por uma faixa de verde intenso, que se repete na contracapa, de modo que a aparência dos cinco livros se tornou mais atraente, com desenhos de flores adornando as páginas que separam os capítulos, em quase todos, o que confere leveza à apresentação de obras destinadas a conquistar a atenção de professores e de estudantes da rede pública.

O Prefácio escrito para esses livros evidencia o pioneirismo de Thetis Nunes. Esse traço incontornável da sua biografia tem muito a ver com a história da maior escola pública em Sergipe, o Atheneu Sergipense, onde ela fez sua formação, ao vir de Itabaiana, em 1935 e onde começou a vida profissional, na década de quarenta, depois de um concurso pelo qual se tornou a primeira mulher na Congregação do Atheneu, escola que dirigiu entre 1952 e 1955.

Graduada em História e Geografia na primeira turma da Faculdade de Filosofia da Bahia, esse pioneirismo se acentuou quando ela se tornou, igualmente, a única mulher do corpo docente inicial da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e quando, como representante de Sergipe, fez o curso do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, o ISEB, a partir de 1956, onde manteve contatos que marcaram a sua visão do Brasil, com nomes como os de Álvaro Vieira Pinto, Nelson Werneck Sodré e Cândido Mendes. A mulher que, como pontuou o historiador José Calasans, foi quem mais viajou entre os sergipanos, no século XX, aproveitou oportunidades, teve a coragem de romper barreiras e de construir para si uma postura de destaque.



Desse modo, ela aceitaria o cargo de diretora do Centro de Estudos Brasileiros do Ministério das Relações Exteriores em Rosário, Argentina, onde ficou de 1961 a 1965, quando retornou ao Brasil e às aulas, tanto no Atheneu Sergipense como na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Em 1968, ei-la professora fundadora da Universidade Federal de Sergipe, na qual sempre teve papel referencial. No Departamento de História ou nos Conselhos Superiores, sua presença era imprescindível, chegando a assumir a Reitoria, na condição de decana, a primeira presença feminina naquele cargo.

Quando lançada a primeira publicação voltada para a pesquisa na UFS, os Cadernos UFS, o seu texto *Sergipe no processo da Independência do Brasil*, de 1973, prenunciaria os estudos a que iria se dedicar. Cinco anos depois, o livro *História de Sergipe a partir de 1820* trataria do processo da Emancipação Política de Sergipe, chamando a atenção para o enquadramento de uma das “Províncias do Norte” no contexto do Brasil independente e seu capítulo sobre a repercussão da Confederação do Equador em Sergipe foi considerado abordagem até então inédita, na historiografia brasileira (Nunes, 1978).

A comemoração do sesquicentenário da Independência, tão exaltado pelo Governo Federal de então, naturalmente chamou a atenção dos historiadores e foi precedida pelo sesquicentenário da Emancipação Política de Sergipe, em 1970. As datas comemorativas sempre motivam o aparecimento de estudos e de eventos provocados pelas celebrações. A convite do Secretário de Educação e Cultura de Sergipe, o ex-reitor da UFS João Cardoso do Nascimento Júnior, a professora fez palestra nas festividades do sesquicentenário, na Universidade de Brasília, representando o seu estado. Abordando a participação de Sergipe na Independência do Brasil, ela mostrou a vinculação entre o comportamento dos senhores de terras em torno da questão da Emancipação Política de Sergipe e o desenrolar das lutas da Independência travadas no território sergipano, destacando a situação da população urbana livre, sempre acossada pela prepotência e desmandos dos senhores. Para dar conta desse encargo ela desenvolveu pesquisa, da qual resultariam, além da palestra, o artigo dos Cadernos UFS e o livro acima referido.



É preciso assinalar o novo clima vivido pelos docentes do Departamento de História da UFS, que começaram a se deslocar da preocupação única com as aulas, passando a dedicar-se também à pesquisa. Isso os fez aprovarem a ida de Thetis Nunes para pesquisar no Arquivo Público da Bahia, no Arquivo Nacional e na Biblioteca Nacional. Logo depois de criada a UFS os professores do Curso de História apresentaram às instâncias diretivas o Projeto de Levantamento das Fontes Primárias da História de Sergipe, que foi aprovado em 1972, dando início a uma nova fase, no Curso de História e na historiografia sergipana. Coincide, não por acaso, com a era dos arquivos, deslançada pela reorganização do Arquivo Público do Estado de Sergipe, iniciada em 1970.

O projeto dos docentes de História visava centralizar, no Departamento de História, informações sobre a documentação histórica sergipana, objetivando salvaguardar as fontes primárias, divulgá-las e facilitar o seu acesso aos pesquisadores. Isso, conceberam os professores, possibilitaria ganhos ao Curso de História, levando-o a desenvolver a consciência histórica, treinar estudantes na frequência aos arquivos e na pesquisa e integrar sua formação pedagógica ao trabalho de elaboração científica (Fontes, 2004). Em breve, estudantes e professores passaram a ter no Arquivo Público do Estado de Sergipe um lugar de referência, complementar às salas de aula e usado como local de aula prática.

Desse clima não se pode desvincular a historiadora Thetis Nunes. É verdade que ainda em 1945 ela escreveu a tese *A civilização árabe: sua influência na civilização ocidental*, para enfrentar o concurso que lhe permitiu tornar-se professora do Atheneu Sergipense; mais tarde, como resultado do seu tempo de estágio no ISEB escreveu a obra *Ensino Secundário e sociedade brasileira*, publicada em 1962, que analisa a expansão da educação no Brasil pós-trinta, como resultado da crise do Capitalismo e das mudanças na política e na sociedade, naquele período.

Mas a pesquisa sobre História de Sergipe vincula-se à inclinação fundamental do Departamento de História da UFS para a busca das fontes históricas, à qual a professora Thetis Nunes deu uma contribuição específica, pesquisando documentos sobre Sergipe



nos arquivos portugueses. Em 1979 ela partiu para Lisboa e no Arquivo Histórico Ultramarino, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, na Biblioteca da Ajuda e na Biblioteca Nacional de Lisboa conseguiu, em microfimes e em cópias xerox, preciosa documentação sobre o Sergipe Colonial. Esse “mergulho” nas fontes que começara no Brasil, no Arquivo Nacional, na Biblioteca Nacional, no Arquivo Público da Bahia e no Arquivo Público do Estado de Sergipe, tornou-a a grande conhecedora da nossa documentação histórica.

Ademais, no final da década de sessenta, a situação de crise na diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, com a renúncia de um presidente e a morte do seu substituto, chegou a ameaçar a continuidade da chamada Casa de Sergipe. Isso causou preocupação entre professores do Curso de História, levando o coordenador do Levantamento das Fontes Primárias da História de Sergipe, professor José Silvério Leite Fontes, a apelar para o Reitor da UFS, no sentido de que fosse permitido o apoio ao Instituto, salvando-o do possível fim. Esse apelo se estendeu à professora Thetis, que foi convencida a aceitar a presidência da Casa, na qual permaneceu de 1972 a 2003. (Dantas, 2012)

É notório o valioso acervo que possui o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). A instituição agregou os intelectuais sergipanos desde 1912 e, antes do surgimento da UFS representava, com a sua Revista, o lugar de convergência dos estudos sergipanos. Da crise de 1969 a 1972, o Instituto sobreviveu pelas mãos de Thetis Nunes que, apesar de não ter podido evitar a perda de hegemonia para a UFS, assegurou a sua permanência, com o rico conjunto de documentos, jornais, livros e obras de arte que constituem o maior acervo de conjunto sobre Sergipe. O quadro que ela enfrentou é assim descrito:

Estando a Universidade Federal com quatro anos de vida, em plena fase de expansão de suas atividades, quando grande parte dos mestres estava envolvida e empolgada com a nova instituição, a Casa de Sergipe parecia para alguns se não ultrapassada, ao menos de viabilidade questionada. (Dantas, 2012: 321)

Entretanto, como afirma Dantas (2012), a presidência do IHGSE coincidiu com a fase mais produtiva da vida da professora Thetis, em que ela publicou artigos de jornal, fez palestras, participou de eventos, foi membro do Conselho Estadual de Educação e do Conselho Estadual de Cultura, enquanto atuava na Universidade, nas aulas, nos seus Conselhos e mesmo na política da instituição, onde sua opinião era sempre respeitada. É o período da escrita dos livros através dos quais a historiadora buscou uma visão de conjunto sobre a História de Sergipe e fez disso um programa de vida.

Foi sua inspiração a obra clássica de Felisbello Freire, *História de Sergipe*, publicada em 1891 que, na avaliação da professora, “ainda não foi excedida por qualquer outra surgida depois” (Nunes, 2008:187). O pai da historiografia sergipana fez uma obra de síntese geral, abordando os mais variados assuntos, desde a caracterização do meio à periodização da história política, da conquista dos primeiros habitantes à colonização, chegando à Independência e ao Império, segundo a perspectiva da evolução histórica. O seu arsenal documental é destacado pelos estudiosos, assim como a qualidade da utilização que fez das fontes (Alves, 2010). Thetis Nunes, admiradora de Felisbello Freire, munida de conceitos do Marxismo e do nacional desenvolvimentismo hauridos com os intelectuais do ISEB, ancorada em novas fontes reveladas pela pesquisa em arquivos portugueses, empreendeu o caminho da síntese geral e, coincidentemente, também percorreu a história de Sergipe da Colônia ao Império.

Dos cinco livros reeditados pela Editora SEDUC, quatro correspondem ao projeto de síntese geral da história de Sergipe. O *Sergipe Colonial I* foi publicado pela editora Tempo Brasileiro, em convênio com a UFS, em 1989. Trata da conquista e colonização de Sergipe, centrado em explicar a formação da classe dominante, a dos latifundiários, e seus métodos de ação. Vê a conquista de Sergipe como resultado da aliança entre a Coroa portuguesa e os latifundiários, representados pela Casa da Torre, no interesse em apropriar-se das terras dos indígenas para transformá-las em pastagens.

Nesse livro Thetis Nunes situa a colonização nos quadros do Mercantilismo português, deixando clara a importância estratégica



da Capitania de Sergipe para o abastecimento de Pernambuco e da Bahia, assim como os laços de dependência criados com a capital do governo português na Colônia. Essa condição é evidenciada no período da chamada invasão holandesa, em que o território de Sergipe ficou premido entre o governo português na Bahia e o domínio holandês em Pernambuco. A propósito, a historiadora analisa o saldo da guerra na economia, na distribuição de terras e na formação étnica da população de Sergipe. Ampliando o espectro, caracteriza a sociedade, marcada por agitação e rebeldia, afirmando que foi para controlá-la que aconteceram as Visitações do Santo Ofício e que foi criada a Comarca de Sergipe, ainda no século XVII.

A análise da sociedade sergipana da época colonial é aprofundada em *Sergipe Colonial II*, também editado pela Tempo Brasileiro em 1996. A formação da autora como geógrafa leva-a à preocupação com os meios de ocupação do espaço da Capitania pela colonização portuguesa, destacando os efeitos da atividade econômica sobre a formação das fronteiras e a origem de questões de limites com a Bahia, ao Sul e a Oeste, ampliando a abordagem de Felisbelo Freire, com quem ela dialoga, por vezes contestando afirmações, baseada nos estudos posteriores ao médico e historiador itaporanguense, feitos por Carvalho Lima Júnior e Ivo do Prado.

Remetendo a uma bibliografia vasta e a uma documentação em parte, inédita, essa obra também estuda a estrutura do poder colonial, enfatizando o papel das Câmaras Municipais que representam a força dos senhores de terras, mas na Capitania de Sergipe também expressam os interesses dos colonos e dos habitantes das vilas contra decisões do governo da Bahia, como aconteceu quando da anulação da Emancipação Política de Sergipe, em 1820. Evidenciando o instrumental teórico utilizado, a autora enfatiza a força da estrutura econômica e as relações de classe, explicando a crescente instabilidade provocada pelo banditismo de chefes locais e pelos constantes conflitos entre autoridades. A caracterização da sociedade como caótica é feita também por uma análise da situação dos homens livres e de mestiços, da população indígena, dos escravizados e dos habitantes dos sertões, sem esquecer de como as mulheres eram enviadas aos conventos da Bahia ou mesmo aos do

Reino, em volume que a historiadora afirma chamar a atenção, nos documentos. O cenário da vida colonial se completa com uma abordagem da educação, letras e artes e com um significativo conjunto de mapas e documentos que enriquecem a análise.

Outro livro reeditado foi o *Sergipe Provincial I*, publicado no ano 2001, pela Tempo Brasileiro, com enfoque sobre o Sergipe independente da tutela da Bahia, constituindo uma Província do Império. Mais uma vez, fundamentada em sólida base documental e em notável conhecimento da História do Brasil, a análise contempla o desenvolvimento das forças produtivas e o crescimento da economia açucareira de que adveio o primeiro progresso de núcleos urbanos. Permanece a visão negativa sobre a elite local, que fora incapaz de romper verdadeiramente os laços de dependência com a Bahia, preocupada com os próprios interesses em manter a força do poder privado. As tentativas de aliciamento dos presidentes da Província representantes do estado nacional e as eleições sempre viciadas e tumultuadas, são apontadas como elementos que contribuem para uma sociedade violenta, cuja turbulência é acentuada por rebeliões de escravizados, levantes de indígenas e a agitação da população livre. A abordagem que abarca do período Regencial, quando se consolida a Província, até o processo da Maioridade do Imperador Pedro II, lastreia-se na visão de totalidade, segundo Georg Luckás e em conceitos inspirados em Nelson Werneck Sodré. Já a compreensão do papel de agentes históricos que não se deixaram subordinar aos interesses locais e tiveram um papel civilizatório, como alguns presidentes da Província, é inspirada em Plekanov. É inevitável o comparativo com Felisbello Freire: este acentuou a importância do papel de Sergipe no período colonial; Thetis Nunes o faz com o *Sergipe Provincial*, articulando a história local com a nacional.

O *Sergipe Provincial II*, publicado em 2006, ainda pela Tempo Brasileiro, mantém os mesmos princípios teóricos e metodológicos do livro anterior, analisando a história de Sergipe do Segundo Reinado à proclamação da República. É o período que corresponde à integração do Brasil ao mercado capitalista e Thetis Nunes enfoca a repercussão local das medidas que começaram a mudar a face do país, como a abolição do tráfico de escravizados, as experiências



com o trabalho livre, o incremento da vida urbana e o crescimento da industrialização. A autora vê a Província em maior sintonia com a política nacional, que é abordada em retrospecto, desde o Primeiro Reinado. Verificando o aumento da centralização imperial e o enfraquecimento das instâncias locais, há um enfoque na dinâmica dos partidos políticos e no comportamento dos emissários do Imperador, os presidentes da Província, com destaque para Inácio Barbosa, o fundador de Aracaju. Nunes vê certo nível de sofisticação na sociedade, com a constituição da nobreza, da Guarda Nacional e a atuação de um grupo de letrados. Por outro lado, a comunidade de estrangeiros e a situação da mulher encontram mais espaço de análise, enquanto é apresentado o cenário geral da Província às vésperas da República - os reflexos da Guerra do Paraguai, as dificuldades da campanha abolicionista e da propaganda republicana, o quadro da vida urbana, a propagação de novas ideias e a situação da educação, das letras e das artes, tudo ilustrado, ao final, com um conjunto de informações documentais. Ao lançar esse trabalho, a professora já contava 83 anos, mas ainda pensava em estudar o Sergipe Republicano, dando mostras de um labor incansável, mantendo presença diária nas dependências do Instituto Histórico e, nas tardes de segunda-feira, participando das reuniões da Academia Sergipana de Letras.



Deixo para tratar, no final, de um livro que precedeu o quarteto sobre História de Sergipe, mas que se articula com todos eles. É a *História da Educação em Sergipe*, publicada em 1984, pela Editora Paz e Terra, em convênio com a Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe e a UFS. Este livro continua como a única síntese da história da educação em Sergipe, abordando desde os primórdios da Capitania até o final da Primeira República. A obra constitui referência incontornável para os pesquisadores de história da educação em Sergipe, tornando o nome de Thetis Nunes obrigatório, nessa área de estudos que registrou a maior produção historiográfica nas últimas três décadas. A autora confessou como a pesquisa nos arquivos portugueses a fez decidir escrever o livro: “ao fazer o levantamento das fontes primárias da História de Sergipe, encontrei um documento, datado de 1684, no qual os moradores

da Capitania pediam ao Rei recursos para o funcionamento de um Colégio da Companhia de Jesus” (Nunes, 2022:39)

Esse conhecimento das fontes é uma marca da obra, que também traz abundante bibliografia. A autora demonstra notável erudição e levanta questões que têm provocado novas pesquisas. Em *Historiografia Sergipana*, Freitas (2007) aponta como motivos para a sua leitura obrigatória, o registro de fontes, o modelo explicativo e o exercício de síntese, num livro que traz informações únicas sobre 300 anos de educação em Sergipe. Essa leitura promove um percurso pela história de Sergipe e é possível perceber como a autora, conhecedora e divulgadora de Manoel Bomfim, inspirou-se em *O Brasil Nação* ao interpretar as responsabilidades da elite pela situação da educação sergipana: falta de interesse pelas reivindicações da população, transplante de “fórmulas alienígenas” nas reformas implantadas, dissociadas da realidade, pouco caso para a urgência da educação escolar.

Iniciando com as decisões do Reino de Portugal e a atuação das ordens religiosas no tempo da conquista e da colonização, a autora acentua a indigência da educação colonial e no Sergipe independente, também pontua o papel da sociedade conservadora, resistente a mudanças, mantendo preconceitos contra professoras, regulamentos excludentes e rigorosos que deixaram fora da escola a maioria da população. Como mostra Thetis Nunes, o período provincial, apesar disso, legou a Sergipe uma legislação condensada em Regulamentos e Reformas, além de discussões importantes sobre a obrigatoriedade do ensino religioso e o ensino secundário. São desse período a luta pela Escola Normal e a criação do Atheneu Sergipense, mas o artificialismo e o elitismo constituem o saldo herdado pela República, que implanta, pela primeira vez, “um esquema educacional completo” (Nunes, 2022:272).

A *História da Educação em Sergipe* aborda, assim, o período republicano, até 1930. À instabilidade dos governos locais na Primeira República é atribuído o pequeno progresso alcançado, enquanto o processo de integração do estado ao mercado capitalista passou a exigir novo ritmo, como aconteceu no governo Graccho Cardoso, com a multiplicação de grupos escolares e os primeiros ensaios



para o ensino superior. Porém, entendendo a educação como fruto da estrutura socioeconômica, a autora conclui que, no geral, pouco se avançou, o ensino continuou “livresco, ornamental”, a educação “não exerceu função igualitária, mas reforçou as desigualdades sociais existentes” (Nunes, 2022:398).

Essa rápida apresentação das cinco obras reeditadas destaca o seu conteúdo e quer reafirmar a sua importância. De fato, das inúmeras homenagens que o nome da professora Thetis Nunes tem recebido na passagem do seu centenário de nascimento, a da Editora SEDUC tem caráter especial. Trazer de volta, de uma vez, o panorama da História de Sergipe traçado pela historiadora e proporcionar acesso fácil à sua obra, é inestimável. Recolocada no “mercado intelectual”, a obra é atualizada pela releitura, crítica, e questionamento, até mesmo pela descoberta de falhas e lacunas à luz da historiografia mais recente. É no debate, na liberdade de crítica que a historiografia avança. A obra de Nunes nunca foi imune a críticas, quer quanto ao exercício da sua escolha teórico-metodológica, a um suposto ar factual, ao apego a documentos oficiais e a certas contradições, certas afirmações, como o mostram, entre outros, Nascimento (2003), Freitas (2007) ou Albuquerque (2021). Mas é justo afirmar que estes autores apontam a relevância, a erudição, a inspiração que ela pode trazer a novos estudos, ou o seu caráter incontornável, lamentando, como o faz Freitas, que não tenhamos tido outra Thetis “marxista, pseudo-marxista, positivista etc- em matéria de história da arte, dos costumes, da economia etc” (Freitas, 2007:225).

Portanto, para além de críticas possíveis, Itamar Freitas demonstra a importância da contribuição de Nunes e declara como seria desejável ter outras obras como a dela nos diversos campos da História de Sergipe. Por isso, ir a Thetis Nunes será sempre necessário, diante da visão de conjunto que ela oferece, do Sergipe Colonial e Provincial, ou da História da Educação em Sergipe, fundamentada no amplo material bibliográfico e documental por ela referido. Entendo que a historiadora Thetis Nunes conseguiu fazer, da sua obra, uma espécie de “devolutiva” das oportunidades incomuns, à sua época, de que desfrutou, representando o estado de Sergipe



no ISEB ou pesquisando nos arquivos portugueses, a partir de um projeto da universidade pública. Por isso o seu trabalho deve ser entendido como fruto de um contexto específico, em que à ânsia de demonstrar a riqueza das fontes históricas então acessadas, aliou-se uma certa compreensão da história, que encontra explicações na trajetória intelectual da autora. Multiplicam-se, neste ano do centenário, os estudos e abordagens que enfocam essa trajetória e sua obra historiográfica: a reedição dos cinco livros, promovida pela Editora SEDUC, constitui um marco no conjunto das homenagens. Por isso, bem-vindos, leitores, à Thetis Nunes centenária e presente!

Referências

- ALBUQUERQUE, Samuel. *Felisbelo, Thetis e Ibarê*. Contribuição aos estudos de História da historiografia. São Cristóvão (SE): Editora UFS, 2021.
- ALVES, Francisco José. *A rede dos conceitos: uma leitura da historiografia de Felisbelo Freire*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2010.
- CALASANS, José. Prefácio. In Nunes, M.T. *História de Sergipe a partir de 1820*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978.
- DANTAS, Ibarê. *História da Casa de Sergipe: os 100 anos do IHGSE 1912/2012*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2012. (Coleção Biblioteca Casa de Sergipe).
- FONTES, José Silvério Leite. Levantamento das fontes primárias da História de Sergipe In *Formação do povo sergipano* (Ensaio de História). Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, 2004, p.79-89.
- FREITAS, Itamar. *Historiografia Sergipana*. São Cristóvão, SE, Editora UFS, 2007.
- NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *Historiografia educacional sergipana: uma crítica aos estudos de História da Educação*. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, 2003.
- NUNES, Maria Thetis. *História de Sergipe a partir de 1820*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978.
- NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Colonial I*. 2 ed, Aracaju: Editora SEDUC, 2022.
- NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Colonial II*. 2 ed, Aracaju: Editora SEDUC, 2022.



NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Provincial I*. 2 ed, Aracaju: Editora SEDUC, 2022.

NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Provincial II*. 2 ed, Aracaju: Editora SEDUC, 2022.

NUNES, Maria Thetis. *História da Educação em Sergipe*. 3 ed, Aracaju: Editora SEDUC, 2022.

PASSOS SUBRINHO, Josué M. Bicentenário da Independência do Brasil. In NUNES, M. T. *Sergipe Colonial I*. 2 ed, Aracaju: Editora SEDUC, 2022.

SANTOS, Maria Nely. *Professora Thetis Nunes: uma vida*. Aracaju: Gráfica Pontual, 1999.

